

**HISTÓRIA E LITERATURA FANTÁSTICA, UMA PARCERIA (IM)
POSSÍVEL? O caso de “O Senhor dos Anéis”¹**

**FANTASTICAL TALES AND LITERATURE, A (IM) POSSIBLE
PARTNERSHIP? The case of “Lord of Rings”**



WALLAS JEFFERSON DE LIMA
Pós-Graduando em História do Brasil - UNP
Natal, Rio Grande do Norte- Brasil
wallasjefferson@hotmail.com

OLGA SUELY TEIXEIRA
Pós-Graduanda em História do Brasil - UNP
Natal, Rio Grande do Norte- Brasil.
suely.olga@yahoo.com.br

Resumo: O presente texto propõe-se a analisar algumas características simbólicas presentes no livro *O Senhor dos anéis*, de John Ronald Reuel Tolkien, que traz algumas referências a aspectos da vida cotidiana medieval. Antes de tudo, queremos refletir sobre a aplicação de *O senhor dos anéis* nas aulas de História, no âmbito teórico e prático, com vistas a uma prática pedagógica que possibilite aos alunos a construção do conhecimento histórico. A ideia de explorar esse aspecto da obra surgiu após observarmos que o autor se utiliza de variados temas ligados à Idade Média para recriar seu mundo de fantasia, uma terra com povo, língua, história e geografia próprios.

Palavras-chave: Educação. Interdisciplinaridade. Práticas leitoras em História.

Abstract: This paper proposes to examine some symbolic features in the book *The Lord of the Rings*, John Ronald Reuel Tolkien, who brings some references to aspects of everyday life in medieval times. First of all, we want to reflect on the implementation of *The lord of the rings* in the lessons of history, within theoretical and practical, with a view to pedagogical practice that enables students to construct historical knowledge. The idea of exploring this aspect of the work came about after observing that the author makes use of various topics related to the Middle Ages to recreate his fantasy world, a land of people, language, history and geography themselves.

Keywords: Education. Interdisciplinary. History in Practice readers.

¹ Artigo submetido à avaliação em 26/02/2011 e aprovado para publicação em 23/05/2011

Introdução

Numa cidadezinha do Condado, o jovem Frodo é encarregado de uma imensa tarefa. Deve fazer uma perigosa viagem através da Terra – Média até a Montanha da Perdição, e lá destruir o anel do Poder – a única coisa que impede o domínio maléfico do Senhor do Escuro, Sauron.

Assim, está tudo pronto para começar uma imensa batalha épica, na qual lutarão humanos, anões, Elfos, Ents e Hobbits contra Orcs e outros seres sombrios, a fim de evitar que o "Anel do Poder" volte às mãos de seu criador.

O cenário: florestas, colinas, vaus, grandes rios, fortalezas intransponíveis.

Esse é o pano de fundo de uma imensa história, revelada à medida que o livro *O senhor dos anéis* progride.

Para muitos, tratar-se-ia de uma bobagem infanto-juvenil. Os círculos acadêmicos, por muito tempo, não se interessaram pela obra, resmungando contra as fantasias de um velho filólogo com manifestações tardias de infantilismo. Atualmente, porém, a academia finalmente percebeu sua importância e está se voltando para ela com o intuito de melhor compreendê-la. A obra do professor Jane Chance *The Lord of the Rings: the mythology of power*, apenas citando um exemplo, tem sido usada em estudos de filosofia, pedagogia e poder, demonstrando que as obras tolkenianas são carregadas de simbolismos carentes ainda hoje de compreensão.

Nessa perspectiva, a relação entre a História e *O senhor dos anéis* merece ser repensada. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Parece-nos que os historiadores têm medo de entrar no campo da Literatura Fantástica, fazê-la objeto de estudo, compreendê-la nos seus múltiplos aspectos e o historiador que fala de fantasia deve ter coragem de desafiar a ordem estabelecida, pois ao tratar esse tema ele desordena a lei, a norma, pondo em xeque a própria historiografia.

Afinal, a ciência histórica não trabalha com fatos reais? Como incorporar uma história fantasiosa ao trabalho do pesquisador e, por extensão, dos professores de História? São questões como essas que nos induziram à elaboração deste texto, resultado de um ano de pesquisa, desenvolvida na Universidade Potiguar e em escolas públicas da Cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Referendam a discussão estudos sobre o citado livro, encontrados em bibliotecas e programas de Pós-Graduação, além

de resultados práticos obtidos através de entrevistas com alunos e professores de escolas da rede estadual de ensino no Rio Grande do Norte, acerca do tema em questão.

O que é Literatura Fantástica?

O termo fantástico foi associado, principalmente a partir do final do século XIX, às obras que possuíam uma temática ligada aos fantasmas e ao seu campo semântico. O fantástico é muitas vezes associado aos seres sobrenaturais e aos contos. Utilizando-se do critério de um tema comum, escritores e teóricos da literatura de então colocavam as histórias de fantasmas, as narrativas maravilhosas, as narrativas misteriosas e mesmo as narrativas sobrenaturais sob uma mesma denominação, como se seus aspectos e estruturas formais fossem constantes.

Ela abrange qualquer tipo de criação literária que não dê prioridade à representação realista e/ou qualquer texto que se situe em territórios diferentes da realidade imediata ao ser humano, apesar de não criar mundos completamente dissociados dessa realidade; na verdade, a literatura fantástica confunde elementos do maravilhoso e do real. Os temas estão ligados, normalmente, à transformação, à dualidade, à luta entre o bem e o mal.

É exemplo desse estilo *As Aventuras do Barão de Munchausen* (1785), *Frankenstein* (1818), *Drácula* (1897), *O coronel e o lobisomem* (1964) e o grande sucesso *O Senhor dos Anéis* (1954-55), no qual o autor, ao mesmo tempo em que trata de aspectos como poder, ambição, guerra e morte numa dimensão épica, concretiza uma das maiores criações mitológicas da literatura universal.

Dessa forma, a Literatura constitui-se em um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua *Poética* (Aristóteles, 1993), ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Atualmente, os historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem o uso da literatura como acesso ao passado colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção. Obviamente, todas essas questões podem ser discutidas em sala de aula com os alunos.

J.R.R. Tolkien ficou mundialmente conhecido como o criador da alta fantasia. Filólogo e professor na Universidade de Oxford, mesmo precedido de outros escritores

de fantasia, devido à grande popularidade de seu trabalho, tornou-se o pai da moderna literatura fantástica.

Sua obra *O senhor dos anéis* narra o conflito contra o mal que se alastra pela Terra-Média, através da luta de várias raças – humanos, anões, Elfos, Ents e Hobbits – contra Orcs, para evitar que o "Anel do Poder" volte às mãos de seu criador Sauron, o Senhor do Escuro. Partindo da tranquila terra do Condado, a história muda através da Terra-Média e segue o curso da Guerra do Anel através dos olhos de seus personagens. Os livros de Tolkien narram histórias sobre terras míticas, seres mágicos, grandiosas batalhas e mitos perdidos sobre os primórdios do mundo. Quando escreve, a ideia que se tem é a de que tudo é autêntico, pois descreve com grandeza de detalhes os personagens e os cenários nos quais a obra se desenrola.

Mudanças na Prática de Ensino de História

Poderíamos neste momento perguntar: Qual a importância da Literatura Fantástica e especificamente *O senhor dos anéis* para a aula de História? E a resposta viria, simples: para diversificar a prática de ensino, torná-la mais humana. E mais: refletir sobre essa modalidade literária significa apresentar fatos pertinentes, ideias e perspectivas novas para a prática pedagógica no ensino de História.

Pois bem, nosso século tem assistido ao nascimento de diversas teorias pedagógicas, voltadas para o aperfeiçoamento dos procedimentos de aprendizagem. Nesse contexto, o discente, para se desenvolver de maneira equilibrada, harmoniosa, sente a necessidade do sonho, do imaginário. Isso explica, em parte, a crescente procura de jovens pelos *video games*, filmes e livros de fantasia. O fantástico estimula e incita o adolescente, pela própria distância que cria, a uma interrogação, a um questionamento. A fantasia é o instrumento transformador da realidade, abrindo portas para a imaginação.

Ora, por que, então, não tornar a aula de História mais lúdica? Toda essa exaltação torna-se uma busca para os nossos jovens. Muitos buscam escapar deste mundo decepcionante e muitas vezes ingrato para com eles. Ir reencontrar, do outro lado da realidade humana, uma verdade escondida, tal é a preocupação dos jovens de nossa época, interessados cada vez mais nesse tipo de leitura.

“A maior parte das escolas só trabalha com textos didáticos e muitas vezes de maneira burocrática, sem sentido para os alunos.” (LERNER, 2006, p.31). Em se

tratando da Literatura Fantástica, a disciplina História tem muito a ganhar utilizando-a como uma nova metodologia, apoiando-se nessa tendência para desenvolver um comportamento leitor no aluno ao mesmo tempo em que aborda temáticas relativas ao período medieval.

No caso particular da obra *O Senhor dos anéis*, as imagens presentes remetem a este período histórico e a partir da leitura do livro e da análise dessas imagens inter-relacionadas, o ensino deixa de ser abstrato, facilitando a relação entre as diversas disciplinas. Nessa perspectiva, a obra possibilita transitar por entre temas que envolvem a Idade Média, permeada por uma infinidade de detalhes, dando sentido ao conhecimento adquirido pelos alunos durante a execução das leituras.

Processo vital de desenvolvimento e formação da personalidade, Educação é o processo pelo qual uma pessoa ou grupo de pessoas adquirem conhecimentos, hábitos e atitudes. Pode ser recebida por intermédio de contatos pessoais, leituras, apreciação das artes, viagens, conferências ou em estabelecimentos de ensino especialmente preparados para esse fim, as escolas.

Mediante essas premissas e considerando a escola como lócus do aprendizado, observar-se-á que a didática é, preponderantemente, elemento de alta relevância na realização desse processo. Ela pesquisa e experimenta novas técnicas de ensino, levando em conta, principalmente, as peculiaridades pessoais do educando, exigindo do educador inspiração e criatividade. Na contemporaneidade, a educação volta-se a uma discussão nem de longe neófito nesse campo: o conhecimento não pode ser compartimentado, devendo ser perpassado por todos os campos disciplinares, para que, mesmo especializado, dê a noção do todo.

A interdisciplinaridade apresenta-se como outro princípio fundamental ao bom andamento do processo educacional, prioritariamente no que diz respeito ao ensino de História, uma vez que se deseja construir uma escola voltada para a formação cidadã. Sendo a História uma disciplina essencialmente formativa, urge que seus docentes busquem constante evolução na didática de sua prática, analisando e utilizando variadas metodologias, objetivando sempre articulações com outros componentes curriculares, no intuito de atingir suas propostas iniciais de aprendizagem.

O surgimento da interdisciplinaridade aconteceu em inícios da década de 60, na Itália e na França, como uma resposta às reivindicações de movimentos estudantis que exigiam um ensino mais direcionado às grandes questões sociais da época. No Brasil,

esse conceito chegou no final da década de 60, já influenciando a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71.

No caso desta discussão, o problema proposto é desenvolver o interesse dos alunos pela aula de História, utilizando como via uma obra da Literatura que pode render trabalhos para as duas disciplinas – Português e História - ou outras que possam aproveitar o ensejo e investigar seus conteúdos a partir da leitura desenvolvida pelos discentes.

O diálogo da História com as demais disciplinas tem favorecido o estudo de diferentes problemáticas contemporâneas – questões de ecologia, saúde, relações sociais, entre outras, têm sido tratadas a partir de conteúdos de História –, nas quais poderá ser colocada a exclusão social a que ficam submetidos crianças e adolescentes cuja competência leitora ainda não se desenvolveu.

Nesse panorama, tais considerações são importantes para explicar a necessidade de buscar novas metodologias que, interdisciplinarmente, promovam a cidadania. Mas como se ensina História interdisciplinarmente, utilizando novas metodologias?

Faz parte do trabalho docente saber o que pretende ensinar, diagnosticar o que os alunos sabem/pensam sobre o tema estudado, definir suas intenções de ensino, escolher a atividade pedagógica adequada e o material didático pertinente para cada situação (...) o material didático informa, desperta outros interesses, propicia vivências culturais, literárias (...). (PCNS, 1998, p. 79)

Então, por que não ler? Mas ler em uma nova perspectiva, com novos objetivos e em associação com a própria Literatura. E, se faz parte do trabalho do professor criar novas possibilidades para a sua sala de aula, por que não incorporar a Literatura Fantástica como mais uma fonte de informação e de pesquisa histórica, enriquecendo sua prática pedagógica e despertando o aluno para a leitura e observação de quotidianos imageticamente semelhantes?

A viabilidade de se trabalhar a Literatura Fantástica em sala de aula já está comprovada; o que resta de momento é saber quais as simbologias constantes no livro, passíveis de serem utilizadas pedagogicamente, e como relacioná-las ao processo educacional. Mas por que estamos dizendo tudo isso? Uma vez que o mundo mudou, a aula de História não pode fechar os olhos diante dessas mudanças. Deve também acompanhar essas transformações para que não perca o aluno, que está participando ativamente desse processo.

Para Hobsbawm:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. (HOBSBAWM, 1995, p. 13)

Tendo em vista a importância adquirida por *O senhor dos anéis* e sua crescente supervalorização, além de uma busca de qualidade na prática educativa, faz-se importante uma reflexão que vise a analisá-lo, levando em conta seus variados aspectos. Falamos em supervalorização porque a obra foi grandiosamente destacada nos últimos anos devido à adaptação para as telas de cinema. Ao se tornar uma espetacular trilogia cinematográfica, alcançou grande sucesso financeiro, ficando entre as maiores bilheterias de todos os tempos. Aplaudida pela crítica, tornou-se um enorme sucesso entre os adolescentes.

As transformações que ocorreram em nosso mundo nas últimas décadas tiveram tal abrangência e intensidade que afetaram todas as pessoas, desde as mais simples às mais cultas. Neste mundo marcado pela aceleração tecnológica e as influências da TV, imprensa, Internet, as formas de aprender se modificaram. Nesse contexto, a escola não pode se manter refratária ao que acontece fora de seus portões. O professor deve atualizar seus métodos de ensino, adequando a transmissão da cultura acumulada pela humanidade e as novas maneiras de perceber e sentir o aluno.

O Senhor dos Anéis: elementos medievais

Juntamente com outras obras literárias, *O senhor dos anéis* é assunto de profunda análise de temas e origens literárias. Mas não pretendemos aqui abordar os variados detalhes simbólicos que podem ser estudados. Isso não é possível e nem viável. Nossa missão é bem mais modesta e se contenta em esboçar reflexões sobre alguns elementos medievais encontrados na obra: a religiosidade medieval, a figura do diabo e do inferno no imaginário social, a relação de subordinação do homem em relação à natureza – Tão presente no período. Observa-se que tais análises significam muito pouco se for considerado o tamanho da obra literária. Isso reforça a ideia de que este é um campo vasto e pouco analisado pelos historiadores.

Tais limitações, contudo, só devem encorajar a existência de mais trabalhos voltados para a área da literatura fantástica. Afinal, a função do historiador não consiste em estabelecer “verdades permanentes”, mas dar início a uma discussão que deverá, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, tornar seu trabalho obsoleto para todos. Deseja-se que novos estudos possam analisar outros aspectos relacionados à mesma obra.

O Balrog e as Minas de Moria: semelhanças entre o diabo e o inferno medieval

Começemos então falando sobre a religiosidade da Idade Média. Não podemos compreender este tópico ignorando um importante fato: o homem medieval era, antes de tudo, profundamente religioso, fato que permeava sua cultura, sua vida, suas crenças e seus atos. A vida da cristandade medieval era, em todos os aspectos, regrada por motivos religiosos. Não há coisa ou ação que não procure estabelecer constantemente uma relação com Cristo e a fé. De fato, tudo se orienta para uma concepção religiosa de todas as coisas, em uma espantosa propagação de fé. Nesse contexto, tudo o que se relacionava ao sobrenatural, ao extraordinário – e aquilo que não se compreendia – causava certa curiosidade e fascínio.

Ao longo da Idade Média, o valor que o homem dava à figura do diabo é constantemente reforçado tanto na iconografia como na escrita, nas quais ele aparece a partir do século IX. Mas é apenas por volta do ano mil que esse personagem ganha mais destaque, uma vez que se desenvolve a representação específica que destaca sua monstruosidade (BASCHET, 2006, pág.381). Ele era o responsável por todos os males. Assim sendo, o diabo possui uma iconografia riquíssima, sendo retratado na maioria das vezes com chifre, rabo comprido e um forcado para assar as pessoas no inferno.

Na Idade Média, o diabo era tão real quanto o próprio Deus. Os trabalhos de Richard Tarnas mostraram que esse imaginário foi, em grande parte, fruto da criatividade de artistas medievais, influenciados por representações do deus mitológico Pã, resultado da incorporação da cultura helenística à cultura medieval.

A assimilação cristã dos mistérios estendeu-se também às inúmeras divindades pagãs, pois conforme o mundo greco-romano gradualmente adotava o cristianismo, os deuses clássicos eram consciente ou inconscientemente absorvidos na hierarquia cristã. (...) As antigas divindades míticas transformaram-se assim nas personalidades doutrinariamente estabelecidas que constituíam o panteão cristão. (TARNAS, 2005, p. 130)

Em seu livro, Tolkien constrói uma atmosfera sombria, apesar de totalmente imaginária, que nos remete a esse pensamento medieval. Podemos citar muitos monstros que compõem a narrativa, mas vamos deter nossa atenção sobre apenas um, o Balrog de Morgoth.

Na trilogia, os Balrogs eram monstros gigantes envolvidos por sombras bastante escuras. Sempre carregavam chicotes de fogo e causavam grande terror nos inimigos. Os membros da Sociedade do Anel, encarregados de ajudarem Frodo, encontram esse monstro dentro das escuras montanhas de Moria. Ali, através de escuros caminhos subterrâneos, os companheiros da comitiva sofrem uma emboscada de orcs e fogem por uma ponte estreita sobre um abismo profundo quando, finalmente, surge um inimigo terrível. “Ai, Ai!”, grita Legolas desesperado. “Chegou um Balrog!” (TOLKIEN, 2000, p.350).

Levantando-se, o mago Gandalf impele a Comitiva para o outro lado da ponte. “Fujam! Este é um inimigo além das forças de qualquer um de vocês. Preciso proteger o caminho estreito. Fujam!” (TOLKIEN, 2000, p. 350). E depois:

O Balrog alcançou a ponte. Gandalf parou no meio do arco, apoiando-se no cajado com a mão esquerda, mas na outra mão brilhava Glamdring fria e branca. O inimigo parou de vez, enfrentando-o, e a sombra à sua volta se espalhou como duas grandes asas. Levantou o chicote, e as correias zuniram e estalaram. Saía fogo de suas narinas. Mas Gandalf ficou firme.

- Você não pode passar – disse ele. Os orcs estavam quietos, e fez-se um silêncio mortal. – Sou um servo do Fogo Secreto, que controla a chama de Anor. Você não pode passar. (TOLKIEN, 2000, p. 351)

Gandalf e o Mostro diabólico travam ali uma batalha, na passagem estreita sobre o abismo. O Balrog usa sua espada vermelha e flamejante contra o fogo frio de Glamdring² (espada de Gandalf), mas a espada vermelha é despedaçada em fragmentos derretidos. “Você não pode passar”, repete Gandalf (TOLKIEN, 2000, p. 351). O Balrog entra totalmente na ponte, brandindo agora seu chicote.

Nesse momento Gandalf levantou o cajado e, gritando bem alto, golpeou a ponte. O cajado se partiu e caiu de sua mão. Um lençol de chamas brancas se ergueu. A ponte estalou. Bem aos pés do Balrog se quebrou (...) e caiu dentro do abismo. Com um grito horrendo, o Balrog caiu para a frente, e sua sombra

² Johan Huizinga mostrou que era costume medieval dar um nome próprio a todas as coisas, mesmo as inanimadas. As espadas do romance cavaleiresco, as bombardas nas guerras dos séculos XIV e XV tinham nomes: *Le Chien d'orléans*, *La Gringade*, *La Bourgeoise*, *La balle de Flandres*. Para estudo mais detalhado, ver *O outono da Idade Média* (HUIZINGA, 2010, p. 376-378)

mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas, no momento em que caía, brandiu o chicote e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando-o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando-se em vão à pedra, e escorregou para o abismo. – Fugam seus tolos! – gritou ele, e desapareceu (TOLKIEN, 2000, p. 351).

Os animais conhecidos do homem, por sua variedade e quantidade, além de vários simbolismos com os quais estão associados, eram utilizados frequentemente no universo artístico e literário medieval. Os animais fantásticos, que também acabam por dar origem aos monstros, resultam, muitas vezes, da composição dos animais conhecidos ou da estranheza e do desconhecimento destes. Nesse sentido, o Balrog se mescla simbolicamente à figura satânica medieval.

Obviamente, devemos notar o espaço em que se insere esta parte da narrativa. Ela se passa dentro das Minas de Moria, também conhecida como Khazad-dûm. Compreendia muitos túneis, câmaras, minas e vastos salões que percorriam as Montanhas Nebulosas. Ao entrar nesse vasto mundo, Gandalf³, o sábio mago, alerta a comitiva do anel, uma vez que “existem” seres mais velhos e repugnantes que os orcs nos lugares profundos do mundo” (TOLKIEN, 2000, P.327). Ao descer mais profundamente, “o ar ficou quente e abafado” (TOLKIEN, 2000, p.328).

Isso que Tolkien chama de lugares profundos, que ficou mais quente à medida que caminhavam, remete-nos mais uma vez à mentalidade medieval, sendo que os clérigos da época admitiam a localização subterrânea do inferno, sublinhando que os pecadores sofriam ali suas penas espirituais e corporais. Assim como a pregação, a iconografia medieval revela que a ameaça do inferno se tornou mais insistente ao longo da Idade Média (BASCHET, 2006, p. 396).

No final do período, acreditava-se que o inferno era não apenas um lugar quente, abafado e povoado por danações horrendas. Havia ali tormentos psicológicos, remorso, raiva e, claro, muito fogo em que as almas dos pecadores ardiam. Os trabalhos de Jacques Le Goff mostram que há uma profunda crença na geografia do além. Esse

³ Gandalf é um, dos personagens principais de O Senhor dos Anéis. Ele é um maia, espírito angelical do mundo tolkienano. Tem participação decisiva no Conselho de Elrond que decidiu o destino do Anel. Sua opinião de que a única solução era a destruição do anel foi aceita por todos. Ele então lideraria uma comitiva que levaria o Anel para as profundezas da Montanha de fogo. Essa seria a única forma de destruir o Anel. A figura de Gandalf é particularmente influenciada pela divindade germânica Odin em sua encarnação como "O Viajante", um homem velho com uma longa barba branca, um chapéu de bordas largas e um cajado. Outros estudiosos como Lin Carter defendem que Gandalf estaria associado ao Mago Merlin, personagem do ciclo arturiano. Para mais informações, ver *O senhor dos anéis: o mundo de Tolkien* de Lin Carter, Rio de Janeiro: Record, 2003.

fato pode ser comprovado a partir de análises feitas nas obras de Ramon Llull e Dante Alighieri (LE GOFF, 2005, p.153).

Os clérigos apresentavam o inferno em termos de pavor e miséria. As dores e os sofrimentos físicos são pintados em cores ácidas, que o pecador deve fazer todos os esforços para imaginar da forma mais realista possível. Dionísio Cartuxo, monge medieval,

apresenta o calor do fogo, o frio abominável, vermes repugnantes, o fedor, a fome e a sede, o cárcere, as trevas e a intolerável sujeira do inferno, o eterno ecoar do choro e dos gemidos, a visão do diabo – tudo isso é espalhado como uma sufocante mortalha de pesadelos sobre a alma e os sentidos do leitor. (HUIZINGA, 2010, p. 357)

Na França, no começo do século XV, as *Très riches heures Du duc de Berry* mostram o interior do inferno: Lúcifer, gigante coroado alimentando-se das pobres almas dos condenados, aspirando-as e repelindo-as alternadamente, deixando escapar chamas e fumaças de sua horrível boca. No universo inquietante de Hieronymus Bosch os pesadelos infernais atingem sua maior violência. No Juízo Final de Viena e de Brueges e no tríptico do Prado, cujos painéis representam respectivamente o paraíso terrestre, o jardim das delícias, e o inferno, a loucura e a maldade diabólicas se desencadeiam com o sadismo mais monstruoso.

Os infernos de Bosch, por mais impressionantes que sejam, integram-se em uma longa série de obras poderosas que a pintura flamenga, dos irmãos Van Eyck e Henri Bles, consagrou ao tema do juízo final e portanto à descrição detalhada do inferno. Tais produções artísticas são convertidas em lição de moral. A imagem do inferno indica ao fiel medieval de que maneira ele deve proceder a seu exame de consciência. Jean Delumeau chamou tais representações de “Teologia do Medo” (DELUMEAU, 2009, pág. 354), mostrando que elas suscitavam um sentimento de pânico amedrontador no homem medieval

A relação homem-natureza e o medo das florestas

Encontramos ainda em *O Senhor dos anéis* uma relação de subordinação dos personagens em relação à natureza; eles são obrigados, por exemplo, a percorrer grandes espaços “vazios”, como os que haviam na Idade Média. As curas eram feitas

com o auxílio de plantas. E até as florestas tolkenianas são assustadoras, assim como o eram no imaginário medieval.

Os personagens necessitam constantemente da natureza para sobreviver e para se automedicar. Na trama, já conhecendo o perigo que seguia seus enalços, os heróis Frodo, Sam, Merry e Pippin chegando à aldeia de Bri, assustados com a visão dos Cavaleiros Negros, não encontram Gandalf na estalagem do Pônei Saltitante, conforme o combinado, mas se deparam com Passolargo, guardião que levará os quatro amigos através dos caminhos e trilhas esquecidas. Na viagem algo sai errado: Frodo, o portador do anel é ferido por um dos cavaleiros negros no topo de uma montanha onde se refugiavam.

Qual a solução encontrada?

(...) Da bolsa acoplada ao seu cinto, [Passolargo] retirou as folhas longas de uma planta.

- Essas folhas – disse ele –, caminhei muito para encontrá-las, pois esta planta não nasce nas colinas sem vegetação. Mas nas moitas que ficam lá adiante, ao Sul da estrada, consegui encontrá-la pelo cheiro das folhas. – Esmagou uma folha nos dedos, e ela emanou uma fragrância doce e pungente – Foi sorte tê-la encontrado, pois esta é uma planta medicinal que os homens do Oeste trouxeram para a Terra-Média. Athelas é o nome que lhe davam, e atualmente alguns pés crescem esparsos, perto dos lugares onde eles moraram ou acamparam antigamente. A planta não é conhecida no Norte, a não ser por alguns daqueles que vagam pelas Terras Ermas. Tem grandes poderes, mas sobre um ferimento como esse sua eficácia pode ser pequena. (TOLKIEN, 2000, p. 210-211)

Também na Idade Média as enfermidades eram combatidas com o auxílio de plantas medicinais. A natureza foi o primeiro remédio, a primeira farmácia, o primeiro médico e o primeiro hospital a que o homem medieval recorria.

A concepção da doença como fruto de ação sobrenatural e a visão mágica do corpo introduziam as famosas bruxas medievais numa imensa constelação de saberes sobre a utilidade de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Tentando impedir o acesso de leigos ao mundo sobrenatural, a Igreja intervinha rapidamente, atribuindo as curas das enfermidades medievais ao poder miraculoso de santos, santas, de Nossa Senhora e de Deus. Como sabemos, as mulheres na Idade Média foram perseguidas, pois as palavras que empregavam eram, muitas vezes, consideradas de inspiração diabólica.

Diversos trabalhos têm mostrado que a expectativa de vida na Idade Média era fraca. Entre as enfermidades medievais podemos citar a tuberculose, a lepra, a sarna, a úlcera, o tumor, os eczemas, o câncer, a erisipela, a epilepsia, a loucura, as convulsões, o raquitismo e as cólicas. Má alimentação e uma medicina que oscilava entre receitas de benzedoiras e teorias eruditas geravam misérias físicas e mortalidade. A saúde ruim e a morte precoce faziam parte da herança dos pobres, uma vez que a exploração do senhor feudal tornava a vida mais penosa.

No final, quem saía ganhando era a Igreja, já que o pobre medieval buscava refúgio no que acreditava ser sua única segurança: a religião. Segurança principalmente no além, onde o paraíso presenteia os eleitos com uma vida livre do medo, das doenças e da morte. Era evidente o desejo de homens e mulheres de serem amparados pelo sagrado, pois o homem não conseguia entender o mundo à sua volta.

Assim como o tempo, o espaço é uma dimensão fundamental de toda realidade humana. Para nós, essa é questão fundamental, uma vez que para compreender as relações sociais da época não se pode separar o homem medieval de seu maior bem, a terra.

A História mostra que o sistema feudal baseava-se na exploração da terra por intermédio da dominação exercida pela hierarquia feudal sobre os camponeses. A ruralização é uma característica fundamental da Alta Idade Média, sendo que muitos desenvolvimentos agrícolas e certas inovações técnicas foram constatadas pelos historiadores. Obviamente, essas inovações foram limitadas, mas afetaram profundamente a vida do homem rural.

Encontramos as mesmas características na obra de J.R.R. Tolkien. A natureza abençoa a terra onde se desenvolve a história de *O senhor dos anéis*, a chamada Terra-Média. A Terra-Média é o nosso próprio mundo em alguma era remota da História. A imagem dessa terra não é muito diferente da Europa durante a Idade Média. É composta principalmente de florestas grandes e antigas onde espreitam coisas sombrias, tendo aqui e ali fragmentos de vida caseira – pequenas fazendas, campos plantados e pequenas cidades – formando ilhas de pacata sociedade rural em meio à escuridão do ermo.

A alimentação medieval era baseada em pão fabricado à base de grãos de uva ou de substâncias misturadas a raízes ou ervas. A farinha, o cogumelo, a cevada, o malte, a cerveja também faziam parte do cardápio medieval.

Os hobbits, povo criado por Tolkien e que possui papel fundamental na narrativa, uma vez que são eles que destroem o anel do poder, amavam a paz, a tranquilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre era seu refúgio favorito. Não gostavam de máquinas muito complicadas. No máximo preferiam um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual.

Tudo parecia quieto e pacífico, apenas um canto comum do condado. A cada passo sentiam-se mais alegres. A linha do rio se aproximava, e os cavaleiros negros começaram a parecer fantasmas da floresta deixada para trás. Passaram ao longo da borda de uma grande plantação de nabos, e depararam com um portão maciço, além do qual se estendia uma alameda batida entre duas cercas-vivas baixas e bem podadas, indo em direção a um arvoredo. (TOLKIEN, 2000, p. 94)

Essa passagem nos dá um vislumbre desse mundo rural e constrói um ambiente familiar, que se assemelha a um provincianismo.

Na Idade Média, a terra e a economia agrária constituíam os pilares da vida medieval, condicionando tudo: riqueza, poder social e político. Os hobbits não tinham o hábito de sair de seu lar. Apesar de Bilbo⁴ aparecer na narrativa como um grande aventureiro, no geral o povo do Condado sentia-se seguro nesse ambiente rural. Isso nos remete à mentalidade medieval. Aquele homem estava adaptado a um ambiente campesino e mal saía dos domínios do feudo.

As florestas de *O Senhor dos Anéis* estão repletas de perigos. Evocam as trevas. Esse território caiu sob influência maligna, sendo que na obra ele é chamado de Floresta das Trevas, e seus caminhos não são mais saudáveis para os caminhantes sem cautela. Orcs e Trolls são vistos em grande número, ousadamente aparecendo em lugares onde raramente eram vistos antes. Por vezes, a floresta medieval esconde monstros sanguinários, legados do paganismo.

- Só as árvores é que são perigosas? – perguntou Pippin.

- Existem várias coisas esquisitas morando dentro da floresta, e do lado de lá – disse Merry – Ou pelo menos assim ouvi dizer; eu nunca vi nenhuma delas. Mas alguma coisa deixa trilhas. Toda vez que se entra lá, pode-se encontrar trilhas abertas; elas parecem mudar de tempo em tempo, de modo singular. (TOLKIEN, 2000, p. 116)

⁴ Bilbo Bolseiro é outro importante personagem da obra. Foi ele quem descobriu um Anel do Poder conforme narrado no livro "O Hobbit". Mais tarde, já idoso, Bilbo deu o anel para seu jovem sobrinho, Frodo Bolseiro. As aventuras de Frodo para destruir o perigoso objeto são narradas em "O Senhor dos Anéis".

Encontramos essa mesma aura de medo na segunda parte da trilogia.

Os cavaleiros foram até a floresta, e pararam; homens e cavalos, todos estavam relutantes em entrar. As árvores eram cinzentas e ameaçadoras, e uma sombra ou névoa as envolvia. As extremidades de seus longos ramos pendiam como dedos que procuram algo, as raízes se levantavam da terra como as pernas de monstros estranhos, e cavernas escuras se abriam entre elas. (TOLKIEN, 2002, p. 148)

Pode-se afirmar que uma estória fantástica que pretenda ensinar ou produzir um efeito social, ou na qual o horror é explicado por meio de regras naturais, não é um conto genuinamente de grande medo. Porém permanece como fato que tais narrativas frequentemente possuem, em partes isoladas, toques de atmosfera que preenchem toda a condição da literatura de horror sobrenatural.

Jacques Le Goff observa essa relação de medo em sua obra *A civilização do ocidente medieval* (2005). O espaço cotidiano da Idade Média é muito reduzido. No centro encontrava-se a igreja, depois vinha o espaço constituído pelas casas aldeãs. Em torno, estendiam-se as terras cultivadas. Para além disso, adentra-se num domínio oculto, composto de matas, repleto de perigos, embora tenha uma função importantíssima, já que a floresta era lugar de coleta de frutos e de pastagens para os animais, aves e porcos.

Na Idade Média, a floresta constituía-se em espaço periférico. Aqueles que vinham das florestas eram notados nas aldeias e vistos como estrangeiros, intrusos de quem se devia desconfiar. Era nas florestas que se refugiavam os eremitas, os amantes, os cavaleiros errantes e os malfeitores fora da lei. A floresta era um lugar inquietante no mundo medieval. Na obra de Dante Alighieri, *A divina comédia*, esse modo de pensar é bem evidente, uma vez que ele começa a história numa “selva escura”, como metáfora dos descaminhos mundanos. O homem medieval esperava encontrar de tudo nesse ambiente ameaçador, de homens-lobo a javalis monstruosos. “A floresta de Brocéliande, por exemplo, era o palco da magia de Merlim” (LE GOFF, 2005, p. 124). Na obra de Tolkien não é diferente: as florestas estão repletas de seres bons e ruins.

Diante de todo o exposto – as questões aqui apresentadas referem-se à cultura medieval, suas representações simbólico-religiosas e os aspectos ligados à espacialidade – é importante frisar que a História é, em si mesma, uma ciência problemática, pois ela coloca algumas questões que nem sempre consegue resolver. O campo de análise, como já dissemos, é vasto na área da Literatura Fantástica, especificamente em *O Senhor dos Anéis*.

História e Literatura Fantástica: uma parceria (im) possível?

A utilização da Literatura Fantástica em sala de aula é assunto polêmico. Muitos educadores não confiam em sua utilidade para as aulas de História e isso se deve em parte à permanência do pensamento positivista presente ainda em nossas escolas. Acreditam que a História parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o intuito de construir narrativas que se aproximem do que foi vivenciado pelas sociedades humanas.

O historiador positivista quer apresentar a “realidade” assim como ela de fato ocorreu. Nesse contexto, a Literatura Fantástica estaria sempre sendo associada ao irreal, ao falso, enfim, ao que não aconteceu. Questiona-se: Como utilizar uma obra tal como *O Senhor dos Anéis* em nossas aulas, se ela não passa de uma história fantasiosa, portanto “falsa”?

Encontramos na obra de Adam Schaff, *História e verdade*, a chave para esse problema. Segundo ele, o historiador é, sobretudo, um contador de histórias e sua sensibilidade histórica manifesta-se na capacidade de criar uma história plausível a partir de uma congêrie de fatos que, na sua forma não-processada, carece de sentido. Dessa forma, no seu empenho de compreender o registro histórico, que é fragmentário e sempre incompleto, os historiadores precisam fazer uso de que Schaff chama de “imaginação construtiva” (Schaff, 1983).

No ínterim, isso sugere que aquilo que o historiador traz à sua consideração do registro histórico é uma noção dos tipos de configuração dos eventos que podem ser reconhecidos como histórias pelo público para o qual ele está escrevendo. Na verdade, ele pode falhar.

Antes de tudo, temos que ter em mente que o desenvolvimento da historiografia provocou uma ruptura nessa pretensão de neutralidade tão em voga no discurso positivista. Atualmente, com os avanços teóricos da Escola dos Anales, sabemos que o que importa para a História “não é o real, mas o inteligível, isto é, as formas de se entender esse real” (LEITE, 1997, p. 84). A questão aqui em voga não deve centrar-se na validade da literatura como fonte, nem tampouco no caráter ficcional e literário dos documentos. A correta abordagem de um ou de outro depende, antes, da interpretação do pesquisador.

Assim, ao utilizar a Literatura Fantástica como fonte, o professor de História não deve preocupar-se com o fato de que o passado criado pelo escritor não confere com o que a historiografia afirma. O professor não busca em *O Senhor dos Anéis* a verdade de outro tempo, vendo no discurso da ficção a possibilidade de acessar o passado. Antes, deve se preocupar em compreender as representações construídas sobre as diferentes modalidades expressas, utilizando-a para discutir com os alunos como o autor constrói a representação do passado.

Assim, literatura e história são narrativas que têm o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda outra versão, ou ainda, para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. Mas, quem trabalha com história cultural sabe que um dos pecados atribuídos a essa abordagem é a de afirmar que a Literatura Fantástica é igual à História.

A parte prática da Pesquisa

Nossa discussão é referendada por estudos sobre a obra, encontrados em bibliotecas e programas de Pós-Graduação, além de resultados práticos obtidos através de entrevistas com alunos e professores de escolas da rede estadual de ensino em Natal, no Rio Grande do Norte, que já utilizam *O Senhor dos Anéis* nas aulas de História.

A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2008, na Escola Estadual José Fernandes Machado e na Escola Municipal Josefa Botelho, ambas localizadas no bairro de Ponta Negra. Participaram cinco professores e vinte alunos.

Os professores foram enfáticos ao frisar que devemos ter uma séria preocupação ao trabalhar com a Literatura Fantástica em sala de aula: devem-se escolher os textos literários considerando o nível escolar no qual se encontram seus alunos. No caso de *O Senhor dos Anéis*, a forma e a linguagem do texto são adequadas para alunos integrados ao Ensino Médio, uma vez que os textos são longos, com linguagem mais rebuscada e com maior dificuldade analítica. É necessário que reconheçamos: ler *O Senhor dos Anéis* não é tarefa das mais fáceis. A estória é detalhista, longa, facilmente leva o leitor à dispersão, à confusão e até à desistência.

Uma das docentes entrevistadas fez questão de ressaltar a ausência de uma proposta pedagógica que incorpore o lúdico como eixo de trabalho nas escolas locais; para ela, essa realidade só evidencia a fraca formação docente, que não contempla vivências acerca do real valor da literatura fantástica. A grandeza dos contos e lendas

que se entrelaçam ao mundo real constitui ferramenta importante na relação ensino-aprendizagem e dispor dela é fundamental para a construção do conhecimento.

Outra professora informou que poucos são os professores de História que investem nesse aprendizado; eles esqueceram a literatura fantástica, pois a consideraram uma perda de tempo por se tratar de fantasia. A professora afirma que seus alunos têm apreendido, através da obra de Tolkien, conceitos sobre a Idade Média que, se fossem transmitidos oralmente em sala de aula, não teriam sido tão bem compreendidos.

E os alunos, o que pensam sobre isso?

Uma das alunas entrevistadas disse achar a ideia “legal”; outro aluno revela gostar principalmente das batalhas. Percebe-se que o motivo pelo qual a obra desperta o interesse dos jovens é a veracidade do mundo que Tolkien criou.

Frente a tudo, conclui-se que a escola tem a obrigação de proporcionar aos alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento, não importa os meios que o professor utilize, e a leitura é uma ferramenta que deve ocupar lugar de destaque nesse cenário. Nesse ponto, percebe-se a resposta ao primeiro questionamento da investigação: sim, é possível trabalhar a literatura fantástica em sala de aula. A análise de uma obra desse gênero pode ser estendida a várias disciplinas e ainda possibilitar o uso de outros tipos de linguagem (como a cinematográfica) no cenário educacional.

Em um segundo questionamento, a pesquisa se interessava pelas possibilidades didáticas existentes em *O Senhor dos Anéis*, as quais foram demonstradas anteriormente. Compreende-se que elas são inúmeras e que irão depender do profissional docente e de seus objetivos frente ao alunado.

E ainda, a obra tem sido utilizada pelos professores de História? De que forma?

A trilogia de Tolkien tem feito parte do cotidiano metodológico de alguns professores, não apenas como mera ilustração, mas como fio condutor para um conhecimento aprofundado sobre o conteúdo abordado em sala, permitindo um entrecruzamento de informações, moldando visões no imaginário do aluno.

Assim, o mundo medieval vai tomando forma e corpo, tornando-se consistente no pensamento do aluno, quando ele lê a descrição do Balrog ou dos cenários sombrios habitados por essas criaturas, relacionando-a com as imagens do diabo e do inferno, propagadas pelo clero medieval. O sentido subjetivo do medo ficará bem mais claro para o adolescente, fazendo-o compreender, sob outros ângulos, a cultura religiosa da época. Da mesma forma, pode-se afirmar em relação à natureza com suas belezas e seus medos.

Considerações Finais

Todo educador é um sonhador. Deseja que o aprendizado e o ensino sejam aperfeiçoados e, se possível, adaptados num mundo em constante mudança. Nossos próprios sonhos concentram-se na idéia de salas de aula e escolas inteligentes. Gostamos de imaginar uma escola na qual as salas de aula são espaços abertos às novas idéias, local onde se pensa criticamente, é verdade, mas também criativamente.

Esses sonhos não são utopias. Embora existam sérios problemas na educação, existem também muitas coisas boas, muitas ideias inovadoras que têm mudado a forma de se lecionar. Nesse sentido, a inclusão do filme e da literatura fantástica tem aberto um leque de possibilidades no trabalho escolar. Encontramos educadores que acreditam nessas ideias. Essas experiências têm inspirado nossos sonhos e, a partir delas, criamos uma montagem de como seria bom um dia letivo em um sistema escolar que integrasse diversas dimensões da cultura humana: literatura, história, cinema etc.

No geral, pudemos notar que a prazerosa experiência de ler uma grande história, mesmo que fictícia, como *O Senhor dos Anéis*, descortina aspectos específicos indispensáveis para que o aluno compreenda a Idade Média em seus mais diversos aspectos. Muitas vezes, a literatura fantástica atua como facilitadora do processo ensino-aprendizagem.

Nas salas de aula, em atividades envolvendo a Literatura Fantástica, os alunos produzem saberes, constroem estratégias e até se movimentam entre muitas culturas juvenis – a maioria ligada ao mundo da fantasia. Essas práticas culturais são mediadas por leituras que se apresentam como mais do que o ato estrito de ler; transformam-se em importantes ferramentas pedagógicas para o ensino de História.

A Literatura Fantástica, povoada de contos de fada, produz situações sociais de oposição muito bem definidas, e o aluno corporifica, nos personagens, as ideias de Bem/Mal que lutam entre si, para interferir na narrativa. As situações novas desse mundo fantástico e paradoxal, em que criaturas humanas e sobrenaturais confabulam com animais, plantas e astros celestiais, dão origem a uma ansiedade positiva, pois estimula a observação e a retenção. Dessa forma, a literatura fantástica exerce papel essencial e insubstituível na formação cultural do aluno.

Espera-se, a partir do que foi constatado, que novos trabalhos sejam acrescentados a este e que, priorizando sempre a dimensão humana do educando, um

número crescente de profissionais se dedique a buscar novos caminhos, desmistificando as relações da História com os outros campos de saber.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo. Ed. Ars Poética. 1993.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BURGUER. G. A. **As aventuras do Barão de Munchausen**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1990.

BENCINI, Roberta. Todas as leituras. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Ed. Abril, 2006. P. 31-37.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 2ª Ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1979.

CARVALHO, José Cândido de. **O coronel e o lobisomem**. 41ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

CARTER, Lin. **O Senhor dos Anéis: o mundo de Tolkien**. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHANCE, Jane. **The Lord of the Rings: the mythology of power**. Rev. ed. Lexington: University Press of Kentucky, 2001

COLBERT, David. **O mundo mágico do Senhor dos Anéis**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do Ocidente Medieval**. Tradução de José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. Tradução de Francis Petra Jassen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo ou a polêmica em torno da ilusão**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**. 1ª Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental: História / SEF. Brasília: MEC, 1998.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o novo Prometeu**. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STOCKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: LP&M, 1993.

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. 7º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rivolí e Esteves Almiro Pisseta. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ **O Senhor dos Anéis: as Duas Torres**. Tradução de Lenita Maria Rivolí e Esteves Almiro Pisseta. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKY, Lev semenovich. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos e superiores**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.